

Wittgenstein: a possibilidade de conhecer e identificar as emoções

Mirian Donat¹

“As emoções colorem pensamentos”.

RPP I 836

RESUMO

Neste artigo pretendo tecer algumas considerações acerca da possibilidade de se falar em conhecimento e identificação das emoções, tanto em relação a si mesmo quanto a um outro. Mostraremos, num primeiro momento, as críticas feitas por Wittgenstein às concepções que separam as emoções, enquanto experiências internas, dos comportamentos característicos com as quais são manifestas. Depois disso, apresentaremos a própria concepção de Wittgenstein, segunda a qual os conceitos emotivos são expressões públicas da emoção, sendo isso o que permite dizer que um observador pode “saber” qual é a emoção que o outro sente. Este saber está relacionado com uma prática, com capacidades e habilidades de lidar com as emoções na vida cotidiana.

Palavras-chave: Wittgenstein, Emoções, Conhecimento.

1 Universidade Estadual de Londrina. Email: donat@uel.br

ABSTRACT

In this article I intend to make some considerations about the possibility of talking about knowledge and identification of emotions, not only in relation to oneself but also in relation to others. Firstly, we show Wittgenstein's criticism of conceptions that separate emotions, as internal experiences, from characteristic behaviors with which they unfold. After that, we present Wittgenstein's own conception, in which the emotional concepts are public expressions of emotion, and this is what allows us to say that an observer can "know" which is the emotion that the other feels. This knowledge is related to a practice with the ability to deal with emotions in everyday life.

Keywords: Wittgenstein, Emotions, Knowledge.

Em seus últimos escritos, em especial em *Observações sobre a filosofia da psicologia*², Wittgenstein se volta para a investigação dos conceitos psicológicos. Como ele mesmo afirma, seu objetivo era desenvolver uma “gramática dos conceitos mentais” ou ainda uma “árvore genealógica dos conceitos psicológicos.”³

Na obra citada, apresenta o que ele chamou de “plano para o tratamento dos conceitos psicológicos”, iniciando no parágrafo 63 com a primeira constatação de que “os verbos psicológicos se caracterizam pelo fato de que a terceira pessoa do presente é identificável pela observação, e a primeira pessoa não. Sentença na terceira pessoa do presente: informação. Na primeira pessoa do presente: manifestação”, tese conhecida como a assimetria entre primeira e terceira pessoas. Na sequência explora algumas “conexões internas e analogias” entre as sensações, tais como grau, localização e tempo. Apresenta ainda algumas características da imaginação.

Esta classificação continua no parágrafo 148, onde vai tratar especificamente das emoções, que têm as seguintes características:

1. Como os demais conceitos psicológicos, as emoções apresentam uma assimetria nas sentenças em primeira e terceira pessoas.
2. Da mesma forma que as sensações, têm duração genuína, um curso.
3. Diferentemente das sensações não são localizadas.
4. Em comum com as sensações têm um comportamento expressivo característico.
5. Há emoções dirigidas e não dirigidas.
6. Não proporcionam informação sobre o mundo exterior

2 Mas também em Últimos escritos sobre a filosofia da psicologia, em *Investigações Filosóficas* e muitas outras anotações ocasionais.

3 Conforme *Observações sobre a filosofia da psicologia* I, § 722.

Não é nosso objetivo, neste momento, desenvolver uma análise dos conceitos psicológicos de uma forma geral, mas sim tratar especificamente das emoções e, em relação a estas, também de uma questão muito específica, que diz respeito à possibilidade de se falar significativamente de que um observador pode dizer que “conhece” ou “sabe” que outro indivíduo tem emoções e que é capaz de identificar qual é a emoção que este tem.

É importante observar aqui que ao se voltar para a investigação da filosofia da psicologia Wittgenstein segue o método que julga o adequado para a filosofia em geral: a filosofia apenas esclarece o funcionamento da linguagem, deixando claros os usos das palavras em diferentes jogos de linguagem, sendo, portanto uma investigação gramatical. Nas *Investigações filosóficas* concebe a significação a partir do modo como as palavras são usadas em diferentes jogos de linguagem e é este uso que determina a significação. Ao aplicar este método à psicologia entende que também neste campo a filosofia somente pode realizar uma análise gramatical dos termos e conceitos psicológicos, o que significa uma análise de como nós costumeiramente falamos sobre as nossas “vivências interiores – sentimentos, estados de espírito”⁴. Desta maneira, quando afirma que pretende realizar uma classificação dos conceitos psicológicos isto tem que ser compreendido no sentido de esclarecer as conexões, distinções, relações entre os diferentes conceitos psicológicos, enfim, promover uma “visão panorâmica” destes conceitos. Wittgenstein insiste que a filosofia não pode tratar destes conceitos no sentido em que se faz na ciência da psicologia, mas que lhe compete somente lançar luz sobre estes conceitos para tornar claro o próprio campo de trabalho da psicologia, delimitando seu objeto, a partir do esclarecimento dos conceitos específicos desta área.

4 Conforme § 243 de *Investigações filosóficas*.

Voltando à questão proposta acima, podemos dizer que ela surge de um problema antigo que atinge tanto filósofos quanto psicólogos e é consequência da ideia de que há uma separação entre um âmbito privado das emoções como experiências internas de um sujeito e o âmbito público do comportamento externo observável. Esta noção coloca sérias dificuldades no que diz respeito à objetividade no conhecimento e identificação das emoções, pois, por um lado considera-se que as emoções, sendo internas e privadas, seriam acessíveis unicamente ao próprio sujeito da experiência e por isso só poderiam ser conhecidas pelo próprio sujeito desta experiência, que a identifica direta e imediatamente, por meio da introspecção. Por outro lado, considera-se que as emoções só podem ser conhecidas via o comportamento externo, cuja descrição nos daria a base para a identificação da emoção, ou seja, a identificação da emoção se daria por um procedimento de inferência do comportamento para a experiência.

O problema comum às duas perspectivas, de acordo com Wittgenstein, é que têm como base a ideia de que há uma separação entre interno e externo, o que inviabiliza a possibilidade de conhecimento e identificação das emoções, pois se, de um lado a postura introspeccionista é claramente defensora da ideia de que o interno é acessível unicamente ao próprio sujeito, sendo este o sujeito exclusivo do conhecimento do que lhe passa internamente, a postura externalista também não resolve o problema, uma vez que não temos como saber se os comportamentos externos são realmente condizentes com a experiência interna, ou seja, para o observador resta apenas uma suposição acerca do que realmente sente o sujeito, uma vez que a experiência em si mesma não é acessível a ele.

A consequência inevitável é que jamais poderíamos ter qualquer tipo de conhecimento acerca das emoções dos outros,

sendo elas experiências subjetivas, pois o que está por traz dessa visão é que o conhecimento verdadeiro é aquele do qual temos uma experiência direta. Aprender o que é uma emoção seria proporcionado pela experiência daquela emoção: é a experiência que nos ensina o que é uma emoção e a palavra que a identifica é como uma etiqueta que colamos nela, tendo a própria experiência como referência da palavra. Desta maneira, a linguagem que trata destas experiências seria enganosa, e cada um apenas poderia “conhecer” o significado de suas próprias palavras e nunca poderíamos compreender um outro que falasse de suas próprias emoções. Além disso, não teríamos como distinguir entre um conhecimento seguro acerca das experiências dos outros e um conhecimento ilusório. Para que pudéssemos ter um conhecimento seguro parece que deveríamos ter alguma coisa que fechasse o fosso entre a própria experiência e a observação externa de um terceiro.

A solução que Wittgenstein apresenta para o problema passa pelo desenvolvimento dos pontos 1 e 2 anteriormente apresentados, com os quais demonstra que não há a suposta separação entre interno e externo, não há algo como uma experiência interna privada e um comportamento externo separado e contingente do qual pudéssemos inferir a experiência. Isto levaria a uma linguagem privada, a qual é apenas compreendida pelo próprio usuário. Entretanto, como comprovou Wittgenstein, uma linguagem só pode ser uma linguagem se ela oferecer critérios públicos de averiguação da correção ou incorreção do uso (significado) das palavras que constituem esta linguagem.

O primeiro ponto apresentado por Wittgenstein diz respeito à tese da assimetria entre a primeira e a terceira pessoas em relação aos conceitos psicológicos. Quando usadas em primeira pessoa, sentenças psicológicas não descrevem algo interno ao sujeito, elas não

são resultado de uma observação interna e também não pretendem transmitir conhecimento acerca do que acontece com ele. Estas sentenças *expressam*, ou ainda, *manifestam*, o que se passa com o sujeito, por isso são mais próximas de outras formas de expressão do que de sentenças descritivas. Sendo assim, dizer “Estou com dor” é mais próximo de um grito ou de um gemido do que da sentença “Ele tem dor”. Esta última sim é uma sentença que resulta de uma observação: a observação do *comportamento* do outro. É neste comportamento que nos baseamos para atribuir ao outro uma determinada experiência. É aqui que se abre a possibilidade de dizer significativamente que podemos saber o que um outro sente, pois o fundamento deste saber é o comportamento com o qual expressa aquilo que sente.

E mais do que qualquer outro conceito psicológico, as emoções estão diretamente relacionadas com as formas com as quais elas são expressas no comportamento. As emoções têm comportamentos expressivos característicos que permitem ao outro descrever, indiretamente, o que o sujeito sente. E por isso pode-se dizer que conhecemos as emoções dos outros porque *vemos* em seu comportamento (expressões faciais, tom de voz, gestos) o que se passa com ele:

“*Vê-se* a emoção”. Em oposição a quê? Não vemos alguém fazendo caras e bocas, e agora *inferimos* que ele sente alegria, tristeza, tédio. Descrevemos seu rosto imediatamente como triste, radiante de felicidade, entediado, mesmo que não sejamos capazes de dar qualquer outra descrição dos traços faciais. A tristeza é personificada no rosto, é o que se gostaria de dizer. Isto é essencial àquilo que chamamos de ‘emoção’. (WITTGENSTEIN, 2008 I, § 570).

Ou seja, o comportamento com que se expressam as emoções fornecem os critérios públicos para a identificação das emoções. Isto acontece porque nossas palavras para emoções têm seu

significado determinado pelas expressões das mesmas, são estas expressões que fornecem os critérios de significação destas palavras. Estas expressões não são comportamentos contingentemente relacionados com um âmbito separado das experiências privadas. As expressões características configuram-se como manifestações públicas da experiência (da emoção). É isto que torna possível *lermos* a emoção do outro no seu comportamento, que é a expressão pública daquela emoção e como tal é parte essencial da própria emoção; as expressões características constituem as emoções, no sentido de que os conceitos específicos necessários para esta identificação têm como base de significação as suas expressões públicas.

Da perspectiva de Wittgenstein, os conceitos que usamos em nossa vida cotidiana nos permitem identificar nos outros as suas emoções. Estes conceitos conectam em si as características comuns de cada emoção, que por sua vez são dadas na forma como costumeiramente agimos em relação uns aos outros. Ao contrário do modelo introspecionista, que coloca na base do significado das expressões para emoções as próprias experiências internas, aqui a base são as expressões naturais, tais como as expressões faciais, as diferentes ações e reações que se tem. Nisto vai se formando uma base significativa para a expressão das emoções que pouco a pouco vai sendo substituída por expressões linguísticas.

No jogo de linguagem das emoções os critérios públicos de significação de suas palavras são fornecidos pelos comportamentos característicos associados às emoções. Estes comportamentos, num primeiro momento, são as expressões naturais das emoções, que são substituídas por expressões linguísticas aprendidas no contexto de um jogo de linguagem. O comportamento expressivo das emoções vai criando, pouco a pouco, as regras para o uso das palavras que vão substituir as expressões naturais. No processo

de identificação e aprendizagem dos conceitos psicológicos, vão sendo produzidas novas formas de comportamento para expressar as emoções, e nesse processo as expressões naturais dão lugar a expressões linguísticas, estas últimas substituem as primeiras⁵.

O ponto fundamental para compreender a posição de Wittgenstein é que as expressões das emoções, sejam elas naturais ou linguísticas, não são meros acompanhamentos ou comportamentos contingentemente relacionados com a experiência da emoção. A expressão de uma emoção é parte constitutiva dela e isto significa que não é possível haver uma separação entre experiência “interna” e comportamento “externo”. É isto o que permite afirmar que Wittgenstein não estava eliminando a própria emoção (a experiência da emoção) para a compreensão dos conceitos sobre as emoções. O que Wittgenstein demonstra é que não há algo como uma experiência interna prévia e inacessível aos outros como fundamento da significação destes conceitos. A aprendizagem destas palavras acontece pela expressão pública da emoção em questão, o que leva, por sua vez, a identificação da própria emoção de que se trata. Quando se trata das emoções, comportamento expressivo e experiência não são independentes um do outro, e nós adquirimos a capacidade de usar as palavras adequadas, a jogar o jogo de linguagem das emoções, quando aprendemos a identificar as emoções nas suas expressões públicas características:

Pode-se dizer: “Leio a timidez neste rosto”, mas em todo caso a timidez não parece meramente associada, exteriormente ligada ao rosto; mas o temor vive nos traços do rosto. Se os traços mudarem um pouco, podemos falar de uma modificação correspondente do temor. Se nos perguntassem: “Você pode imaginar esse rosto também como expressão de coragem?” – então não saberíamos, por assim dizer, como deveríamos encaixar a cora-

5 Conforme § 243 de *Investigações filosóficas*.

gem nesses traços. Digo então, por exemplo: “Se esse rosto é um rosto corajoso, não sei o que isso pode significar”. Mas como se apresenta a solução de tal questão? Diz-se, talvez: “Sim, agora compreendo: o rosto é, por assim dizer, indiferente ao mundo exterior”. Interpretamos nele, então, coragem. A coragem, poderíamos dizer, *ajusta-se* agora novamente ao rosto. Mas *o que se ajusta aqui a que?* (WITTGENSTEIN, 1979, § 537)

No modelo introspectivo é como se as expressões naturais fossem algo de um ser que ainda não compreende suas emoções e que passa a compreendê-las a partir de um conhecimento que começa a ter de suas próprias emoções, por um processo introspectivo de perceber e discriminar suas próprias emoções e a nomeá-las. É a partir deste conhecimento, antes inexistente, que se pode então falar das emoções. Como consequência, cada sujeito aprenderá a partir do seu próprio caso a reconhecer e nomear as emoções, por isso, só pode saber o que realmente sente aquele que tem a experiência e a reconhece introspectivamente, um outro jamais poderá saber o que se passa com ele, ficando apenas com uma mera suposição, jamais confirmável.

Entretanto, de acordo com Wittgenstein, nesta perspectiva não se separa a própria experiência com a identificação daquela experiência, como sendo tristeza por exemplo. Aprender a identificar uma emoção como tristeza depende da linguagem e a linguagem depende de critérios públicos, seja ela qual for, a linguagem dos objetos físicos, dos números, das cores e também a linguagem das emoções. Portanto, não é possível identificar e reconhecer uma emoção independentemente da linguagem onde elas são colocadas em circulação, a ponto de se poder afirmar que a tristeza só existe porque temos um conceito para tristeza.

Para aprender com a experiência precisamos da mediação da linguagem, não somos capazes de aprender algo diretamente com a experiência, pois esta ainda não está identificada

como experiência de algo, seja o que for. Só esta identificação linguística pode nos levar a aprender algo com a experiência, pois ela agora é experiência disto ou daquilo, de alegria ou tristeza, de saudade ou de angústia, e assim por diante.

Neste contexto, o que significa então falar em conhecimento em relação às emoções? O que significa dizer que podemos conhecer uma emoção? Isto tem que ser considerado a partir da concepção de Wittgenstein de que conhecimento, em certas situações, está relacionado com uma prática, prática esta que nos permite agir em nosso cotidiano. São disposições socialmente adquiridas para agir adequadamente nas circunstâncias exigidas. O conhecimento necessário para o reconhecimento e identificação das emoções é um tipo de conhecimento tácito, não explícito, que nos proporciona o domínio de uma técnica, aquela de agir em acordo com o esperado em uma situação de interação. Aqui se trata mais de habilidades e capacidades do que de uma teoria e este conhecimento aprende-se por meio de observação e imitação, por tentativa e erro, com o que vamos conformando nossas próprias ações e reações com as ações e reações dos outros.

“Eu nunca posso *saber* o que acontece dentro dele; *ele* sempre sabe”. É verdade, quando se pensa filosoficamente, é isto que se gostaria de dizer. Mas a qual situação corresponde **essa declaração**? Todos os dias ouvimos uma pessoa falando de outra que ela está com dores, triste, alegre, etc., sem o menor vestígio de dúvida; e raramente ouvimos, em comparação, que não se sabe o que está acontecendo dentro dela. Logo, a incerteza não é assim tão terrível.(WITTGENSTEIN, 2008 I, § 138)

Nossos conceitos para emoções vão sendo aprendidos no contexto de uma forma de vida à qual vamos tomando parte muito cedo em nossas vidas. Desta forma, aprender os conceitos acompa-

nha o aprendizado de uma prática que nos permite reconhecer nos outros (e em nós mesmos) as emoções respectivas, mas, mais importante, aprendemos também uma forma de agir, considerada normal ou correta nas situações das quais participamos. Pressupõe uma prática compartilhada, certas reações são naturalmente esperadas em relação às expressões emocionais e julgamos uma reação como correta ou esperada de acordo com estas práticas compartilhadas.

Nesta perspectiva, muito mais importante do que encontrar uma definição exata para o significado de um termo emocional é compreender as práticas onde estes conceitos são usados, a forma como organizam nossas práticas conjuntas. Veremos que não há algo comum e universal para ser considerado como a essência do conceito, pois as práticas humanas são múltiplas e variáveis, e cada situação demanda um tipo de resposta distinta.

Quais seriam as características da tristeza, por exemplo. Pode ser que sejamos capazes de identificar na expressão facial das pessoas algo que seja comum a todas as culturas e sociedades, mas a forma como as pessoas reagem diante das situações, o peso que é dado para o fato desencadeador da emoção, a forma como afeta as pessoas, tudo isso depende de circunstâncias que são relacionadas com a forma de vida na qual a situação ocorre. Além disso, a mesma situação não demanda de todos ou em todos os momentos as mesmas respostas, sendo que as reações devem ser coordenadas a cada momento em que os eventos ocorrem. Falar em conhecimento aqui está muito mais relacionado com nossa capacidade de compreender o contexto prático de utilização dos conceitos, de saber como agir e estar sempre pronto para uma nova situação, que evidencia que o uso destes conceitos está sempre aberto a novas possibilidades.

Um mesmo fato pode desencadear diferentes reações emocionais, seja em indivíduos que compartilham uma mesma forma de vida, mas mais ainda, em diferentes formas de vida. As reações não são universais e mesmo os acontecimentos que podem causar uma emoção em uma forma de vida pode não ter impacto algum em outra forma de vida.

O conceito de modéstia ou presunção tem de ser conhecido em todo lugar onde existem pessoas modestas e presunçosas? Talvez esta distinção não tenha nenhuma importância para as pessoas do lugar. Até mesmo para nós muitas distinções não têm importância, distinções que nos poderiam ser importantes. (WITTGENSTEIN, 2008 I, § 680)

São práticas de uma forma de vida, e como práticas são ensinadas, são aprendidas, são compartilhadas, seguem regras publicamente acessadas. Fazem parte da herança cultural desta forma de vida.

E as práticas que envolvem o uso dos conceitos para emoção são eminentemente sociais, não aprendemos a expressar as emoções solitariamente. Nesse sentido pode-se dizer que as emoções são constituídas socialmente, na interação dos sujeitos em uma forma de vida comum e compartilhada. O ponto fundamental aqui é que a própria constituição das emoções é um empreendimento coletivo, o que está diretamente relacionado com o entendimento de que a compreensão do que seja uma emoção passa necessariamente pela compreensão de que elas não podem ser compreendidas independentemente do comportamento expressivo de acordo com o qual elas são manifestadas.

Esta perspectiva modifica profundamente nossa compreensão comum sobre as emoções, pois parece certo que somos individualmente afetados por certos fatos e que o modo como eles nos afetam dizem respeito a sentimentos que são interna e solitaria-

mente produzidos. Entretanto, do ponto de vista wittgensteiniano, o modo como os eventos afetam os indivíduos é aprendido num processo intersubjetivo de discurso, em que pouco a pouco os objetivos e perspectivas dos outros sujeitos daquela forma de vida acabam sendo tomados como nossos próprios objetivos e perspectivas. Somente em contextos de compartilhamento com outros sujeitos é que se aprende a usar os conceitos para emoções, aprendendo o significado daquele conceito, e, principalmente, desenvolvendo as capacidades e habilidades necessárias para aprender a reconhecer, identificar, em si mesmo e nos outros a emoção em questão.

Por isso, podemos falar efetivamente que sabemos que os outros têm emoções e que sabemos quais são estas emoções, não temos apenas suspeitas sobre isso e muito menos estamos constantemente em dúvida sobre as emoções que cada um tem, pois como nos diz Wittgenstein:

Em geral, eu não suspeito do medo dentro dele – eu o vejo. Para mim, não é como se eu inferisse de um algo exterior à provável existência de um algo interior; e sim como se o rosto humano fosse praticamente translúcido, e eu o visse não por meio de uma luz refletida, mas por meio de sua luz própria. (WITTGENSTEIN, 2008 II, § 170)

Bibliografia

MARQUES, A. *O interior: linguagem e mente em Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Segunda Edição. Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

_____. *Observações sobre a filosofia da psicologia*. Vol. I e II. Trad. de Ricardo H. P. Machado. Aparecida, SP: 2008.

_____. *Últimos escritos sobre a filosofia da psicologia*. Trad. de Antonio Marques, Nuno Venturinha e João Tiago Proença. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2007.

_____. *Fichas*. Lisboa: Edições 70, 1989.